

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

Petosiris - Un activo constructor de la memoria  
egipcia del inicio del período ptolemaico

SEPARATA

STVDIA HISTORICA  
HISTORIA ANTIGUA

EL NARRADOR COMO HOMBRE DE ACCIÓN:  
LA CONSTRUCCIÓN DE LA MEMORIA COLECTIVA  
EN EL MUNDO GRECORROMANO

Ediciones Universidad  
**Salamanca**

---

STVDIA HISTORICA • HISTORIA ANTIGUA

---

# PETOSIRIS - UM ACTIVO CONSTRUTOR DA MEMÓRIA EGÍPCIA DO INÍCIO DO PERÍODO PTOLOMAICO

*Petosiris - un activo constructor de la memoria egipcia del inicio del período ptolemaico*

*Petosiris - ad active builder of the Egyptian memory of the beginning of the ptolemaic period*

José das Candeias SALES  
*Univesidade Aberta; Investigador integrado do Centro de História da Universidade de Lisboa*  
sales@univ-ab.pt

Fecha de recepción: 16-IV-2011; aceptación definitiva: 9-IX-2011

RESUMO: O longo texto de inspiração filosófica e religiosa atribuído a Petosíris, sumo sacerdote do deus Djehuti/ Tot na região de Hermópolis, no Egito dos séculos IV-III a.C., esculpido nas paredes interiores do seu túmulo, em Tuna el-Guebel, é um repositório condensado de memória (individual, familiar e civilizacional) e de princípios éticos e morais que se inscreve na multimilenar tradição sapiencial egípcia e que se destinava a transmitir e a ensinar aos homens que «vivem na terra» regras de bem viver, os muito apregoados *metjen en ankh*, «caminhos da vida».

*Palavras-chave:* Memória, Sabedoria, Tradição, Inscrições funerárias.

RESUMEN: El largo texto de inspiración filosófica y religiosa asignado a Petosiris, sumo sacerdote del dios Dyehuty/ Tot en la región de Hermópolis,

en el Egipto de los siglos IV-III a.C., esculpido en las paredes interiores de su tumba en Tuna el-Gebel, es un depósito condensado de memoria (individual, familiar y de civilización) y de los principios éticos y morales que se inscribe en la tradición multimilenaria de la sabiduría egípcia y que tenía la intención de transmitir y enseñar a los hombres que «viven en la tierra» reglas del buen vivir, los llamados *metjen en ankh*, «camino de vida».

*Palabras clave:* Memoria, Sabiduría, Tradición, Inscripciones funerarias.

ABSTRACT: The long text of philosophical and religious inspiration attributed to Petosiris, a high priest of the god Djehuti / Tot in the Egyptian region of Hermopolis in the IV-III centuries B.C., carved on the interior walls of his tomb at Tuna el-Gebel, is a compact repository of individual, familiar and civilizational memory as well as both ethical and moral principles which fits in the multimillenary Egyptian wisdom tradition, which was intended to convey and teach men who «live on earth» rules of good living, the so called *metjen en ankh*, «ways of life».

*Keywords:* Memory, Wisdom, Tradition, Funerary inscriptions.

Viveu no Egipto na segunda metade do século IV-início do século III a.C. Chamava-se Petosiris Ankhefkhonsu e foi sumo sacerdote do deus Djehuti/ Tot em Khemenu/ Hermópolis<sup>1</sup>. Foi sepultado num túmulo em Tuna el-Guebel<sup>2</sup>. O que sabemos sobre ele e sobre a sua família (ascendentes e

1. *PP III* 5406. Petosiris é a forma onomástica grega adaptada do nome egípcio Padiusir, *p-di-wsir*, que significa «Dom de Osíris». O seu apelido era Ankhefkhonsu, que pode ser traduzido como «Khonsu é a sua vida» (Cf. ARAÚJO, Luís Manuel de: «O túmulo de Petosiris: expressão da confluência cultural greco-egípcia», *Presença de Victor Jabouille*. Lisboa, 2003, p. 314; LEFEBVRE, Gustave: *Le tombeau de Petosiris, Volume III*. Caire, 1923, p. 15; MENU, Bernadette: «Le tombeau de Pétoisiris. Nouvel examen». *BIFAO* 94, 1994, p. 321, nota 42).

2. Orientado de norte para sul, o «templo-túmulo» de Petosiris, a que se acedia através de uma avenida pavimentada com cerca de 20 m de comprimento e 4 m de largura, funcionando como um *dromos* de acesso, foi descoberto no final do ano de 1919, na região chamada Passaqi, nas necrópoles de Tuna el-Guebel/ Deruah, uma vasta zona de necrópoles do Médio Egipto (perto da actual El-Ashumein, a antiga Khemenu egípcia, denominada pelos Gregos Hermópolis), e imediatamente escavado metodicamente até 8 de Março de 1920 por Gustave Lefebvre. Nos séculos III e II a.C., já depois da morte de Petosiris, o túmulo tornou-se um lugar de veneração e de peregrinação ou de curiosidade, sobretudo para os Gregos que então percorriam o Egipto. É aceite que este templo-túmulo é o edifício mais completo que nos chegou dos anos que marcam a transição entre a época saito-persa e a época ptomaica. A edificação e a decoração da capela funerária (6,25 m de largura X 7,15 m de comprimento), destinada ao culto de Sichu e de Djedtotiuefankh, bem como a construção da primeira sala do túmulo (pronaos, com 9,40 m de comprimento X 3,80 de

descendentes) provém essencialmente de um conjunto de 152 inscrições funerárias e biográficas inscritas nas paredes interiores do seu túmulo<sup>3</sup>. Na sequência de uma tradição familiar já com duas três gerações, foi consagrado desde a infância ao deus Tot e terá assumido o cargo sacerdotal depois do seu irmão, Djedtotiuefankh, ter sido destituído do cargo.

O seu pai, Sichu ou Nesichu<sup>4</sup>, viveu e exerceu o sacerdócio, herdado, por sua vez, do pontificado de seu pai, Djedtotiuefankh, o Antigo, sob os reis (*nesu*) da última dinastia indígena (XXX Dinastia), a dos Nectanebo (Nectanebo I, seu filho Teos e o sobrinho deste, Nectanebo II), entre 380 e 342 a.C.<sup>5</sup> Djedtotiuefankh<sup>6</sup>, seu irmão mais velho, que sucedeu ao pai no cargo sacerdotal, viveu também esse período (final do reinado de Nectanebo II) e ambos (Djedtotiuefankh e o próprio Petosiris) testemunharam, portanto, a conquista persa do Egipto (341-332 a.C.) de tão má memória para os autóctones<sup>7</sup>.

Segundo uns, a subida de Petosiris ao cargo de *wr d3w hrp nswt, uer diu kberep nesut*, «Grande dos cinco, senhor dos tronos»<sup>8</sup>, terá ocorrido em

largura), destinada ao culto do próprio Petosiris, terão ocorrido já no final da sua vida, verosimilmente em torno do ano 300 a.C. O seu filho continuou a construir e a decorar o túmulo durante a época de Ptolomeu II. O mesmo se aplica ao seu neto, sob Ptolomeu III Evérgeta I. O pronaos é ligeiramente mais elevado do que a capela: 4,85 m de altura daquele para 4,45 m desta. As paredes este e oeste medem 5,15 m no exterior e a fachada, a norte, estende-se por 11,20 m. (Cf. FESTUGIÈRE, André-Jean: «Notice sur la vie et les travaux de M. Gustave Lefebvre, membre de l'Académie». *Comptes-rendus des séances de l'Académie des inscriptions et belles-lettres*, Volume 103, Numéro 1, 1959, p. 104).

3. As 152 inscrições encontram-se distribuídas de forma equitativa, sobretudo entre os seus três principais autores ou beneficiários (Sichu, o pai de Petosiris, Djedtotiuefankh, o seu irmão mais velho, e o próprio Petosiris): 330 linhas ou colunas para o primeiro, 344 para o segundo e 335 para Petosiris (Cf. MENU, B.: *op. cit.*, p. 315, nota 32). A ordem numérica das inscrições foi estabelecida por Gustave Lefebvre, em Janeiro de 1920, à medida que as diferentes paredes do edifício iam sendo limpas e restauradas. Isto significa que essa ordem (estrutura base do Vol. II da obra de G. Lefebvre) não corresponde absolutamente à disposição racional dos textos. Ainda assim, é essa numeração que, ainda hoje, é usada pelos estudiosos.

4. Nome teóforo que significa «Aquele que pertence a Chu», *s-šw*. Claire Lalouette traduz este nome como «Shou est un sage» (LALOUETTE, Claire: *Textes sacrés et Textes Profanes de l'ancienne Égypte. vol. 1. Des pharaons et des hommes*. Paris, 1984, p. 340, nota 82).

5. Cf. LEFEBVRE, Gustave: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*. Caire, 1924, p. 12; MENU, B.: *op. cit.*, p. 316.

6. O nome Djedtotiuefankh é a transcrição grecizada do egípcio Djed-Djehuti-*iu.ef-anhk, dd-dhwjtj-(w).f-nh*, nome teóforo que surge no início da XXI dinastia e se torna frequente na época saíta e cujo significado é «Djehuti/ Tot fala; ele vive (= o que usa este nome)».

7. Cf. MENU, B.: *op. cit.*, pp. 317, 318, 326.

8. «Grande dos cinco, senhor dos tronos» são títulos por inerência associados ao sumo sacerdote de Tot em Khemenu/ Hermópolis e a julgar pelas inscrições tumulares chegadas

plena Segunda Dominação Persa (341-332 a.C.), quando o Egipto era ainda uma satrapia do imenso império dos Aqueménidas; segundo outros, tal só aconteceu nos anos seguintes à conquista de Alexandre<sup>9</sup>. Seja como for, Petosírís conheceu e viveu durante a sua vida a enorme instabilidade política, social e cultural associada ao final dramático da última dinastia egípcia, à segunda dominação persa, à conquista macedónica do Egipto por Alexandre Magno, ao curto reinado de Filipe Arrideu e ao início do período ptolomaico e a sua acção como construtor da memória egípcia perdurou nos séculos vindouros. Foi, como escreve Bernadette Menu, «témoin ou acteur» na vida política do *nomos* hermopolitano e um dos «teóricos da realeza», responsáveis pela garantia de «permanência ideológica do novo regime»<sup>10</sup>.

Do ponto de vista tipológico, as inscrições interiores do túmulo de Petosírís dividem-se em textos de oferendas ordinárias, biografias funerárias das várias personagens a quem são consagrados os seus vários compartimentos e um grupo de inscrições filosófico-religiosas. Do ponto de vista ideológico, permitem-nos apreender a conjuntura histórica em que o seu construtor se movimentou e penetrar no seu pensamento e na sua mentalidade, eivados de um fervor religioso, que, segundo ele, justificaram a notável vida que alcançou. Dessa forma, fornecem-nos o *leitmotiv* para grande parte das acções por si empreendidas durante o seu tempo de vida:

Passei sete anos como administrador deste deus<sup>11</sup>, gerindo os seus bens sem que se encontrassem quaisquer falhas, enquanto o rei dos países estrangeiros dominava o Egipto e nada estava no seu lugar anterior, depois das lutas que se travaram no interior do Egipto, o Sul estava em agitação e o Norte em revolta. As pessoas caminhavam com (a cabeça voltada para

---

até nós todos os homens da família de Petosírís os usaram: o avô Djedtotiuefankh (1ª geração), o pai Sichu (2ª geração), o irmão Djedtotiuefankh (3ª geração), o próprio Petosírís (3ª geração), os filhos Djedhor/Teos e Totrekx (4ª geração) e o neto Petukem (5ª geração). Em cada geração, os homens ostentaram, portanto, os cargos sacerdotais de «Grande dos Cinco» e «Senhor dos tronos», embora se admita que nalguns casos se trata apenas de títulos honoríficos. Vide Anexos 1. Árvore genealógica da família sacerdotal de Petosírís e 2. O título «Grande dos cinco, senhor dos tronos» nas inscrições tumulares de Petosírís.

9. MENU, B.: *op. cit.*, p. 321.

10. MENU, B.: «La “voie de Dieu” dans les inscriptions du tombeau de Pétosiris». *Trans-seupbratène* 16, 1998, p. 23. Vide também MENU, B.: «Le tombeau de Pétosiris (4). Le souverain de l’Égypte». *BIFAO* 98, 1998, pp. 254, 262.

11. A expressão «administrador de Tot é a tradução do egípcio *mr šn*, *mer chen*, de que deriva a designação grega *λεσινης*, uma espécie de vicário do deus na terra, para os assuntos espirituais e temporais. Em princípio, o cargo de *mr šn* era por um ano, renovável (Cf. MENU, B.: «Le tombeau de Pétosiris. Nouvel examen», p. 321, nota 43).

trás) e todos os templos estavam sem os seus servidores, os sacerdotes fugiram, sem saber o que estava a acontecer<sup>12</sup>.

Estive sete anos como sumo sacerdote/ administrador de Tot, senhor de Khemenu/ Hermópolis, cumprindo zelosamente todos os ritos no seu templo, aumentando o número dos seus sacerdotes, dando importância aos seus servidores, enchendo os seus celeiros de cevada e de espelta e os armazéns com todas as coisas belas e boas, mais do que antes. Os estrangeiros governavam então o Egípto<sup>13</sup>.

Eu exerci as funções de administrador de Tot, senhor de Khemenu, durante sete anos, quando os homens vindos de países estrangeiros governavam o Egípto<sup>14</sup>.

Passaste sete anos como administrador de Tot, sem que se encontrasse qualquer falta que te pudesse ser imputada<sup>15</sup>.

Os sete anos em que, segundo estas inscrições, Petosiris exerceu o cargo de administrador do templo de Tot, em Khemenu/ Hermópolis, seguem-se à intensa instabilidade decorrente da segunda dominação dos Persas (343-332 a.C.), onde se inclui a consistente resistência nacional egípcia a Sul (onde Nectanebo II/ Nakhtnebef se refugiou) e a Norte (onde o príncipe Khababach se «escondeu» nos pântanos do Delta) e a profanação e pilhagem dos templos egípcios por Ochos e Bagoas, em princípio ocorridas sob o pontificado de Djedtotiuefankh<sup>16</sup>.

12. Inscrição 81: Cf. LEFEBVRE, G.: *op. cit.*, pp. 136-145; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 53-59 ; LICHTHEIM, Miriam: *Ancient Egyptian Literature (AEL). Volume III. The Late Period*. Berkeley/ Los Angeles/ London, 2006, pp. 45-49; LALOUETTE, C.: *op. cit.*, pp. 263, 264, 340.

13. Inscrição 62: LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 82, 83; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 38, 39; LALOUETTE, C.: *op. cit.*, pp. 262, 263, 340; VERNUS, Pascal: *Sagesses de l'Égypte pharaonique*. Paris, 2001, p. 367.

14. Inscrição 59: LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 79, 80; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, p. 32. Os «homens vindos de países estrangeiros que governavam o Egípto» (inscrição 59) ou «Os estrangeiros governavam então o Egípto» (inscrição 62) são claramente os Persas (talvez da época de Dario III Codomano), também chamados na inscrição 81, como os antigos Hicsos, *ḥk3w ḥ3swt, bekau kbasut*. (Cf. LALOUETTE, C.: *op. cit.*, p. 340, nota 92; NAKATEN, Suzanne: «Petosiris». *LÄ IV*, 1982, p. 995; LEFEBVRE, G.: *op. cit.*, pp. 10-12; CAVAGNAC, Eugène: «La date du tombeau de Pétoisiris». *REA* 2, 1929, pp. 56-57; PICARD, Charles: «Les influences étrangères au tombeau de Petosiris: Grèce ou Perse?». *BIFAO* 30, 1931, p. 203).

15. Inscrição 61: LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 104, 105; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 36, 37; LALOUETTE, C.: *op. cit.*, pp. 266, 341; VERNUS, P.: *op. cit.*, pp. 367-369.

16. Cf. ARAÚJO, L. M.: *op. cit.*, p. 338 e MENU, B.: *op. cit.*, p. 318.

Djedtotiuefankh foi, por isso, associado às profanações então perpetradas e, de certa forma, também responsabilizado por elas, como «colaboracionista», admitindo-se mesmo que tenha pago com a vida, à chegada dos exércitos de Alexandre Magno, às mãos dos Macedónicos. Em contraste, Petosíris ter-se-á aliado ao poder macedónico<sup>17</sup>. Os distúrbios sociais que nos são relatados servem simultaneamente como justificação para a intervenção reguladora e maéctica supostamente desempenhada por Petosíris.

Petosíris era, pois, um sacerdote de elevado nível no seio da alta hierarquia clerical de Khemenu/ Hermópolis, com plenos poderes, com funções jurídicas e judiciais, responsável por outros sacerdotes, intermediário entre os servidores de um santuário e a administração civil e interessado de forma activa na prosperidade material dos templos e santuários de Khemenu/ Hermópolis<sup>18</sup>.

#### AS INSCRIÇÕES TUMULARES E A ACÇÃO DE PETOSÍRIS

O seu amado filho mais novo, dono de todos os seus bens, o «grande dos cinco», o «senhor dos tronos», o sumo sacerdote que contempla o deus no seu santuário, que leva o seu senhor e segue o seu senhor, que entra no lugar mais sagrado, que executa as suas funções juntamente com os grandes servidores de deus, o profeta da Ogdóade, chefe dos sacerdotes de Sekhmet, líder do terceiro e do quarto grupo sacerdotal, escriba real encarregado da contagem de todos os bens no templo de Khemenu/ Hermópolis, segundo sacerdote de Khnum-Ré, senhor de Heruer, e de Hathor, senhora de Neferuset, líder do segundo grupo sacerdotal do templo de Heruer e de Neferuset, o profeta de Amon-Ré e dos deuses dos outros templos da cidade<sup>19</sup>.

É assim que se inicia a chamada «inscrição 81» do túmulo de Petosíris. O texto está inscrito na secção da capela que Petosíris dedicou ao seu pai Sichu — parede oriental. Daí que o texto se inicie com a identificação de Petosíris como «filho mais novo» de Sichu. A referência seguinte («dono de

17. Cf. MENU, B.: *op. cit.*, pp. 319-320, nota 41, 326, 327; MENU, B.: «Le tombeau de Pétoisiris (3). Culpabilité et responsabilité». *BIFAO* 96, 1996, p. 356; MENU, B.: «La «voie de Dieu» dans les inscriptions du tombeau de Pétoisiris», p. 25.

18. Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, p. 8; MENU, B.: *op. cit.*, p. 28.

19. Cf. LEFEBVRE, G.: *op. cit.*, pp. 136-145; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 53-59; LICHTHEIM, M.: *op. cit.*, pp. 45-49; LALOUEITE, C.: *op. cit.*, pp. 263, 264, 340.

*todos os seus bens*») significa que Petosírís já ascendera ao cargo de sumo sacerdote de Tot, a seguir ao seu irmão mais velho Djedtotiuefankh, entretanto morto (provavelmente bastante novo, pois não se conhecem nem esposa nem filhos). Petosírís tornara-se, em consequência, o chefe da casa, o «*dono de todos os bens*», o legítimo herdeiro de todas as propriedades de seu pai.

O elevado estatuto que, entretanto, o sumo sacerdote granjeara é também apreendido através da passagem em que se diz que ele é aquele «*que leva o seu senhor e segue o seu senhor, que entra no lugar mais sagrado*»; ou seja, ele é aquele que tem o privilégio de carregar aos ombros a estátua do seu deus (Tot) ou a barca do seu deus em procissão até «*ao lugar mais sagrado*» do templo, em grego, *o naos*. O resto da inscrição consiste na enumeração exaustiva de uma série de títulos e cargos, de tradição ou efectivos, exercidos em vida ou invocados por Petosírís justamente com a intenção de enfatizar a sua supremacia espiritual e administrativa em Khemenu/ Hermópolis.

Aquele que «*executa as suas funções juntamente com os grandes servidores de deus*» era, ao mesmo tempo, «*o profeta da Ogdóade*», quer dizer, sacerdote dos oito deuses primevos cultuados em Hermópolis (quatro casais com cabeças de rãs — os deuses masculinos — e serpentes — as deusas femininas), sob a égide ou o patrocínio de Tot<sup>20</sup>, «*chefe dos sacerdotes de Sekhmet*» (a grande deusa-mãe de Mênfis, esposa do deus Ptah), «*líder do terceiro e do quarto grupo sacerdotal*»<sup>21</sup>, «*escriba real*» ou *sechnesu*, prestigiado cargo honorífico dignificado pela tradição, embora sem correspondência efectiva em serviço burocrático-administrativo prestado na corte egípcia da época de Petosírís. Das suas relatadas incumbências faziam ainda parte «*a contagem de todos os bens no templo de Khemenu/ Hermópolis*», o que confere particularmente bem com as prerrogativas temporais da sua função de *mer chen* ou *lesonis*, «administrador» de Tot. A sua acção espiritual era ainda extensível aos deuses sincretizados Khnum-Ré, a Hathor (divindades de Heruer e Neferuset, respectivamente)<sup>22</sup>, ao

20. Cf. SALES, José das Candeias: *Estudos de Egiptologia. Temáticas e Problemáticas*. Lisboa, 2007, pp. 169-185, 202-206.

21. Cada grupo sacerdotal (em egípcio, *sa*; em grego, *phylé*) cumpria funções ao serviço da divindade três vezes por ano, de 4 em 4 meses, ou seja, durante uma estação inteira. Como «líder» ou chefe do grupo sacerdotal, Petosírís era, em egípcio, *aa-sa*, o cargo que em grego correspondia a *αἰεάρχης*, *filarca*.

22. Heruer e Neferuset eram importantes cidades do 15º *nomos* do Alto Egipto (conhecido como «a Lebre», ou seja, uma deusa chamada *Uenet*) de que Khemenu era capital. Estas cidades, célebres pelo culto de Khnum e de Hathor, respectivamente, eram portanto vizinhas de Khemenu/ Hermópolis e situavam-se nos arredores da moderna Balansurah.

grande deus Amon-Ré e, como termina esta eloquente passagem, a «*deuses dos outros templos da cidade*»<sup>23</sup>, isto é, várias divindades de vários santuários e capelas de Khemenu/Hermópolis, em que o anonimato divino recobre uma pluralidade de outros deuses a quem Petosiris prestava os seus serviços.

Este é, no fundo, o perfil funcional, temporal e espiritual, «Grande dos cinco» (*uer diu*) e «Senhor dos tronos» (*khherep nesut*), do sacerdote e administrador de Tot que, durante sete anos, assumiu a gestão do templo e das propriedades de Khemenu/ Hermópolis.

Mas as inscrições tumulares de Petosiris não se ficam pela enunciação/ apresentação dos seus títulos e cargos, como veremos. Elas são autênticas instruções (*sb3it*) que um defunto enuncia e proclama para persuadir os vivos das vantagens de um comportamento existencial equilibrado e justo, exemplificando com os resultados da sua própria experiência e expondo os favores e bênçãos recebidas, e destinavam-se intencionalmente a transmitir e a ensinar aos homens que «vivem na terra» os muito apregoados *metjen en ankh*, *mtn n ʿnh*, «caminhos da vida»<sup>24</sup>. Neste sentido, como «apelo aos vivos», são verdadeiras «instruções», herdeiras dos mais antigos textos sapienciais egípcios e das suas regras de bem viver. Daí que comumente estas inscrições sejam designadas como a «*Sabedoria de Petosiris*».

Trata-se, portanto, no essencial, de textos relativos à actividade e aos trabalhos de Petosiris que pretendem, desde logo, a par da sua feição de ênfase no cumprimento do dever piedoso, estabelecer uma memória eterna associada sobretudo aos seus grandes feitos e realizações e às memórias de seu pai e seu irmão.

De uma forma simples, as «considerações morais de abertura» constituem um vector fundamental e eficaz para se captar a «religião invisível», motor e leme da conduta do indivíduo Petosiris e da camada social e funcional que ele corporiza<sup>25</sup>. Nessas inscrições, percebe-se que a finalidade do narrador-defunto é assumidamente legar à posteridade dos vivos um testemunho da sua condição de *mae-kheru*, de morto declarado «justo de voz»/«justificado», em recompensa pela sua adequada conduta moral, que se possa, dessa forma, instituir em modelo de comportamento para todos os vivos.

23. Cf. LEFEBVRE, G.: *op. cit.*, pp. 212, 213, notas às pp. 79 e 136.

24. Como sinónimos de *mtn n ʿnh*, podem indicar-se também as expressões *w3t n ʿnh* (*uat en ankh*) e *mit n ʿnh* (*mit en ankh*) – Cf. COUROYER, Bernard: «Le chemin de vie en Égypte et en Israël». *Revue Biblique* 56, 1949, p. 413.

25. Cf. ASSMAN, Jan: *Religion and Cultural Memory*. California, 2006, pp. 32-33.

A longa inscrição 81 é também neste aspecto particularmente enfática e inequívoca:

Ó vós, todos os vivos, que estais sobre a terra, todos os sacerdotes-*uab* e todos os escribas, que vindes a esta necrópole (*st̄ḫt*) e vedes este túmulo, louvado seja deus para aquele que age (para mim), louvado seja deus para aqueles que agem (para mim)! Porque eu fui um homem honrado (*imakbu*) por seu pai, louvado por sua mãe, amado pelos seus irmãos. Eu construí este túmulo nesta necrópole, ao lado dos espíritos superiores (*b3w-ʿ3w*) que aqui estão, para que sejam pronunciados o nome de meu pai e o de meu irmão mais velho, porque um homem revive quando o seu nome (*rn*) é pronunciado!

O Ocidente<sup>26</sup> é a morada daquele que não tem faltas, louvado seja deus para o homem que o alcançou! Nenhum homem o alcançará, a menos que o seu coração seja íntegro a cumprir a *maet*. Lá não se distingue o pobre do rico, só o que é considerado livre de faltas pela balança e o peso colocados perante o senhor da eternidade<sup>27</sup>. Lá ninguém se exime à pesagem: Tot, como babuíno encarregue da balança, julgará cada homem segundo as suas acções na terra.

As palavras iniciais do defunto («Ó vós, todos os vivos, que estais sobre a terra, todos os sacerdotes-*uab* e todos os escribas, que vindes a esta necrópole (*st̄ḫt*) e vedes este túmulo») correspondem «a uma fórmula clássica de exórdio de textos funerários e é conhecida como «apelo aos vivos»<sup>28</sup>. Esta fórmula equivale à fórmula *sdm mdw.i*, «aquele que ouvir as minhas palavras», que se encontra noutras inscrições do túmulo [ex. inscrição 56: «O coração de quem ouvir as minhas palavras (*sdm mdw.j*) afligir-se-á por isso (...)»<sup>29</sup>]. A mensagem destina-se a todos os que «estão» ou vivem na terra em determinado momento histórico concreto (contemporâneos do narrador) e a todos aqueles que virão a nascer. Ou seja, dirige-se, assim, a toda a posteridade potencial do defunto. Os destinatários da experiência existencial de Petosiris são, dessa forma, todos os homens do futuro.

26. Em egípcio *Amenti* (Cf. LAFFONT, Élisabeth: *Les livres de sagesses des pharaons*. Paris, 1979, p. 154; LEFEBVRE, G.: *op. cit.*, p. 136).

27. Referência à cerimónia da pesagem do coração no tribunal do Além, sob os auspícios de Osiris, o senhor do Além e dos mortos, o «senhor da eternidade», cujo nome teóforo de Petosiris honra directamente.

28. ARAÚJO, L. M.: *op. cit.*, p. 337, nota 77.

29. Cf. LEFEBVRE, G.: *op. cit.*, p. 114 e LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 27, 28.

O narrador-defunto explica claramente que na sua condição de homem honrado (*imakbu*) a construção do túmulo ao lado dos seus familiares (no caso, o pai Sichu e o irmão Djedtotiuefankh) foi um deliberado acto de memória, pois procura que o nome (*ren*) desses «espíritos superiores» ou «grandes» (*bau-aau*) seja lembrado para todo o sempre.

Para os antigos Egípcios, este desígnio revestia-se de uma extraordinária importância, pois o nome era o elemento da personalidade que permitia diferenciar o seu detentor de todos os outros seres vivos ou mortos. Ser um nome pronunciado continuamente, o mesmo é dizer, evitar o seu esquecimento, era estabelecer uma ligação sólida com a memória e era, assim, manter vivo esse defunto. Segundo a concepção antropológica egípcia, havia uma união estreita entre a designação (o nome, a palavra) e o designado (o Ser, a coisa); constituíam uma unidade composta de nomeação. O nome era a fórmula mágica que conservava a imagem do indivíduo na memória dos homens e a fazia perdurar por tempo indefinido, de geração em geração<sup>30</sup>.

Esta problemática do nome e da sua ligação com a memória e a eternidade surge também de forma muito expressiva nas inscrições tumulares 65, 56 e 57, a primeira dedicada por Petosiris ao seu irmão Djedtotiuefankh e as restantes em sua própria homenagem:

Fiz com que o teu *ka* fosse honrado na terra dos vivos; que ele não desapareça, pois não se encontrou qualquer falta em mim. Fiz com que o teu nome esteja na boca dos vivos que se sucederam no interior da tua casa, para que o teu nome não desapareça na tua casa, eternamente, pois um homem vive quando se pronuncia o seu nome<sup>31</sup>.

Construí este túmulo nesta necrópole com o teu nome gravado no seu lado esquerdo<sup>32</sup>, para que o teu nome possa ser pronunciado por aqueles que vão e vêm depositar oferendas nesta necrópole, eternamente, a favor do *ka* do senhor deste túmulo. Bebendo e agindo sempre segundo as inspirações do seu coração, louvando a deus pelo teu nome, eternamente<sup>33</sup>.

Todos vós que vireis (no futuro) fazer oferendas nesta necrópole; Pronunciai o meu nome ao fazerdes abundantes libações, Tot favorecer-vos-á (por isso)! (...) Sou um homem cujo nome merece ser pronunciado!<sup>34</sup>.

30. Cf. SALES, J. C.: *op. cit.*, pp. 157-168.

31. Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 170; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 40-41.

32. Alusão à nave esquerda da capela do túmulo de Petosiris (de dentro para fora) dedicada ao irmão de Petosiris.

33. Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 170; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 40-41.

34. Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 114, 115; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 27, 28; LICHTHEIM, M.: *op. cit.*, pp. 52-54.

No que diz respeito a todos os escribas, a todos os sábios, a todos os homens instruídos na palavra divina, que virão a esta montanha e lerão as inscrições deste túmulo, diante das pessoas que vierem com eles<sup>35</sup> pronunciarão cuidadosamente o meu nome e purificarão as minhas estátuas<sup>36</sup>.

O nome a cuidar e preservar tem tanto mais valor quanto o seu detentor foi um homem justo e íntegro, «sem faltas», na vida terrena. Para esse, estaria reservado o Além eterno: em princípio, um estádio existencial a que teoricamente só deveria aceder aquele que está isento de faltas (*dmi nt iiwti wn-f*) e que cumpriu em vida a *maet*: «Nenhum homem o alcançará, a menos que o seu coração seja íntegro a cumprir a *maet*» (Inscrição 81) ou, como diz Djedtotiuefankh na inscrição 137: «*fui justo de coração na prática da maet*»<sup>37</sup>.

O Além é um lugar de absoluta igualdade e justiça, pois «*Lá não se distingue o pobre do rico, só o que é considerado livre de faltas pela balança e o peso colocados perante o senhor da eternidade*» e «*Lá ninguém se exime à pesagem*». Para Petosiris, é «*segundo as suas acções na terra*» que o Homem será pesado/julgado. Para que a decisiva pesagem seja (sempre) favorável ao humano zeloso e piedoso, o narrador avança com a «solução» (inscrição 62):

Ó vós, todos os vivos, que estais sobre a terra e que vindes a esta necrópole, que vereis este túmulo. Vinde, farei com que conheçais as vontades de deus. Guiar-vos-ei no caminho da vida, no bom caminho daquele que obedece a deus; É um homem abençoado aquele cujo coração o conduz até ele. Aquele cujo coração se mantém no caminho de deus<sup>38</sup>, a sua existência manter-se-á na terra. Aquele cujo coração encerra um grande temor de deus, grande será o seu louvor / a sua felicidade na terra. Deus age como agimos para com ele<sup>39</sup>.

Também aqui, o conteúdo da mensagem é simples: só granjeará apreço dos deuses (neste caso, do deus Tot) aquele que andar «*no caminho da vida*» (*metjen en ankh*). Esta ideia do «andar no caminho da

35. Subentendido: que não souberem ler as inscrições.

36. Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, p. 117; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 28-29.

37. Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 193-194; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, p. 95.

38. A expressão deve ser entendida como «no caminho do deus Tot». Trata-se de uma entidade divina bem concreta e não de um ser divino abstracto, eventualmente susceptível de ser grafado com maiúscula.

39. Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 82-83; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, p. 38-39; LALOUETTE, C.: *op. cit.*, pp. 262, 263, 340; VERNUS, P.: *op. cit.*, p. 367.

vida», ou seja, estar conforme à vontade divina, é também vertida nas inscrições do túmulo de Petosírís por «estar» ou «andar sobre as águas», significando «ser fiel», «ser obediente» ou reconhecer a autoridade espiritual da divindade (Tot): «*Eu estava na água do senhor de Khemenu desde o meu nascimento*»<sup>40</sup>; «*Tu conduziste o teu coração a caminhar sobre as tuas águas*»<sup>41</sup>; «*Que o teu coração não deixe de se alegrar com todo o bem que te sucedeu, desde que tu caminhas sobre as águas do teu senhor, Tot. O teu ser é exaltado por isso, pois é água da vida para a qual o teu coração foi dirigido. É um homem abençoado de deus aquele que coloca o seu caminho no seu coração*»<sup>42</sup>; «*Deus engrandeceu o teu ser ... desde que tu caminhas sobre a água e o seu ka tomou conta do teu coração*»<sup>43</sup>.

As bênçãos/recompensas divinas aplicam-se, em primeiro lugar, na existência terrestre e, como consigna a inscrição 81, estender-se-ão ao Além. Ademais, o deus de Petosírís, Tot, é um deus justo, que separa o verdadeiro do falso, o bem do mal: agirá para com os homens da mesma forma como estes agirem para com ele. Tal como é típico da literatura sapiencial, os deuses da *Sabedoria de Petosírís* (= Tot) mostram-se deferentes em relação à condição e aos problemas humanos e recompensam (com a vida no Além) os que foram justos e zelosos na vida do Aquém.

Esta ideia de «justiça retributiva» é uma ideia-chave da moral petosiriana e surge também obviamente em várias inscrições do túmulo:

Tal como agirem para comigo, assim serão tratados: quem me fizer bem, o bem lhe será feito; quem me fizer mal, o mesmo lhe acontecerá. Assim se fará àquele que o fizer<sup>44</sup>;

40. Inscrição 81: Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 136-145; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 53-59; LICHTHEIM, M.: *op. cit.*, pp. 45-49; LALOUETTE, C.: *op. cit.*, pp. 263, 264, 340.

41. Inscrição 115: Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 156, 157; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, p. 82; LALOUETTE, C.: *op. cit.*, pp. 264, 265, 340-341.

42. Inscrição 61: Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 104-105; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 36-37; LALOUETTE, C.: *op. cit.*, pp. 266, 341; VERNUS, P.: *op. cit.*, pp. 367-369.

43. Inscrição 61: Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 104-105; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 36-37; LALOUETTE, C.: *op. cit.*, pp. 266, 341; VERNUS, P.: *op. cit.*, pp. 367-369.

44. Inscrição 65: LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 170; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 40-41.

[Àqueles que glorificarem o meu *ka*], o seu (*ka*) será glorificado, Àqueles que me fizeram mal, mal também [lhes] será feito. Sou um homem cujo nome merece ser pronunciado!<sup>45</sup>;

Fazei uma libação de água por mim, lede as inscrições, celebrai os ritos em favor do meu nome, pois eu sou um homem que merece que o seu nome seja pronunciado. Quem me fizer bem, o mesmo lhe será feito; quem me fizer o mal, o mesmo, e é Tot que testemunhará contra vós, pois eu sou um *imakhu*, filho de *imakhu*, um bendito, filho de bendito<sup>46</sup>;

O próprio deus remunerará o gesto daquele que agir em meu favor. Quem me fizer o bem, o mesmo lhe será feito; quem louvar o meu *ka*, o seu *ka* será louvado. E quem me fizer mal, o mesmo lhe será feito, pois eu sou um *imakhu* de deus, o qual fará com que sejais tratados da mesma forma por aqueles que virão depois, durante toda a duração dos tempos<sup>47</sup>;

O *imakhu* de Anupu, que reside na Sala Divina, deus grande, senhor de Sheto, o Grande dos Cinco, senhor dos tronos, ilustre pelo seu mérito, excelente pelas suas qualidades, fazendo o bem a quem lhe faz o bem, bendito de seu pai e de sua mãe<sup>48</sup>.

Associadas à ideia da justiça divina que corresponde aos actos do Homem, surgem as ideias de integridade e perseverança. Tal como aquela, também estas são componentes vitais do pensamento ético-religioso de Petosiris. Como ele advoga na inscrição 59, foi a sua perseverança no caminho da vida que lhe garantiu a eternidade:

Ó todos os profetas, todos os sacerdotes, que vêm a esta montanha, vinde, instruir-vos-ei nas vontades de deus; guiar-vos-ei no caminho da vida. Deus conduziu o meu coração a fazer o que ele ama (*mr k3.f*): é a obra que ele faz àquele que ama<sup>49</sup>.

A vida eterna é uma graça divina que se pode atingir pelo esforço e empenho de cada mortal e, nesse sentido, é uma recompensa divina. Indica-se assim que cada humano deve realizar os seus trabalhos quotidianos de

45. Inscricção 56: LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 114-115; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 27-28; LICHTHEIM, M.: *op. cit.*, pp. 52-54.

46. Inscricção 102: LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 184-185; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 74-75.

47. Inscricção 125: LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 191-192; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 88-89.

48. Inscricção 138: LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, p. 194; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 95-96.

49. Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 79-80; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, p. 32.

forma competente e empenhada, pois disso dependerá o seu sucesso existencial, presente e futuro.

Como membro dirigente da elite clerical do seu tempo, Petosiris efectuou e dirigiu uma série de «intervenções arquitectónicas» de grande envergadura destinadas a reconstruir os templos das divindades egípcias que haviam sofrido destruições ou abandonos sob a dominação estrangeira. Estas acções, de que dá pormenorizado relato na sua longa inscrição de 92 colunas (inscrição 81), são apresentadas como prova da sua abundante piedade e todas glorificam a sua fidelidade em relação ao seu deus, o seu zelo no restauro da religião tradicional egípcia, no reerguer dos templos destruídos, na construção de novos santuários, bem como em enriquecê-los e dar aos sacerdotes segurança e conforto.

Algumas passagens textuais da inscrição 81 são riquíssimas precisamente pelos exemplos que evocam de piedade, de respeito pela tradição e pela memória religiosa e civilizacional egípcia e que se pretendem também transmitir aos vindouros através de palavras repletas de preceitos morais e fins eminentemente sociais:

Pus o templo de Tot na sua condição anterior. Eu fiz com que todos os ritos fossem como dantes, e que cada sacerdote (servisse) no seu próprio tempo (de serviço);

Eu não reduzi as oferendas no seu templo, enchi os seus celeiros de cevada e trigo, o seu tesouro com todas as coisas boas. Aumentei o que havia antes e todos os habitantes louvaram deus por mim;

Tornei esplêndido o que antes fora arruinado, restabeleci o que há muito tempo tinha decaído e que já não estava no seu lugar;

Eu construí o santuário das deusas (*ntrw-hmwt*) no interior do templo de Khemenu por ter achado a sua casa decrépita. Elas moram no templo de Tot, senhor de Khemenu, as pessoas chamam-lhe «Capela festiva das deusas», a sua face está virada para oriente<sup>50</sup>.

Eu construí também a casa de Nehemetauai, «Aquela que fez o que é», e a casa de Hathor, senhora do sicómoro do Sul<sup>51</sup>, semelhante a Nehemetauai,

50. A inscrição 59 contém um texto similar: *«[...] construí o santuário das deusas (ntrw-hmwt) no interior do templo de Khemenu, tendo encontrado o seu santuário devastado; de forma que elas residem agora no templo de Tot, senhor de Khemenu. é o «pavilhão das deusas», como se costuma designar: a fachada está voltada a Oriente.»* (Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 79-80; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, p. 32).

51. Trata-se de mais duas edificações sagradas que Petosiris assume para si próprio, embora no caso do templo de Hathor não se consiga determinar se a expressão «sicómoro do Sul» se aplica ao templo de Dendera (6º *nomos* do Alto Egipto) ou ao outro templo da deusa do 14º *nomos* do Alto Egipto. Seja como for, qualquer um deles ficava a «sul» de Hermópolis.

a mãe de deus. Eu construí-as com boa pedra calcária branca, e fiz nelas toda a espécie de trabalhos. Eu fiz estas deusas morar lá<sup>52</sup>;

Fiz um muro em redor do recinto, para evitar que fosse pisado pela população, pois os vilões tinham-no espezinhado<sup>53</sup>. Este é o local de nascimento de todos os deuses, que vieram a existência no princípio. Este sítio tinha sido conspurcado por desordeiros, os intrusos devassaram-no (...);

Fiz um sólido trabalho na parede do templo de Khemenu, para alegrar o coração da (minha) senhora Nehemetauai, quando ela vê este trabalho eternamente;

Eu chamei o escriba do templo desta deusa<sup>54</sup> e dei-lhe prata sem a contar, para ali fazer um monumento a partir daquele dia. Eu construí uma grande elevação em redor, para que a água não a pudesse levar. Fui diligente consultando os entendidos, para organizar os ritos pelos quais esta deusa é servida, para a contentar até que ela soubesse o que foi feito.

O relato detalhado dos trabalhos realizados por Petosírís, designadamente as suas acções a favor do (seu) deus Tot, visam demonstrar a atitude de recompensa do deus perante a sua fidelidade religiosa e vida exemplar. Os distúrbios introduzidos e mantidos pelos estrangeiros quebraram a rede de solidariedade e de cooperação social, da mesma forma como desintegraram a memória social egípcia. Qual faraó salvador do passado ou imitando um faraó, Petosírís não se fica pela lamúria passiva, mas age em prol da recuperação dessa memória, reavivando e reactualizando o passado e a tradição, pelo menos a nível local, recuperando as sedes desse passado e tradição, isto é, os templos, santuários e capelas dos deuses egípcios. A desordem funciona como vector de explicitação e de afirmação de (novos) valores morais e culturais, susceptíveis de re-fundarem novos tempos de ordem, equilíbrio e harmonia<sup>55</sup>.

52. Alusão à colocação das estátuas das divindades nos seus santuários.

53. Outra alusão aos ímpios invasores persas, cuja atitude de profanação e de desrespeito pelos deuses e lugares santos egípcios muito chocou os antigos Egípcios. G. Lefebvre usa a expressão «misérables» para traduzir *hsiw* (LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris*, Volume I, p. 140). Ao que parece, a acção de Petosírís visava colocar o lugar ao abrigo de novas profanações. A inscrição 61 preserva praticamente o mesmo texto: «*Protegi os arredores do recinto para evitar que fosse pisado pela população, pois os vilões haviam-no espezinhado.*» Neste caso, G. Lefebvre traduz «misérables gens» (LEFEBVRE, G.: *op. cit.*, p. 83).

54. Trata-se da deusa Heket, a deusa-rã da mitologia egípcia, esposa de Khnum-Ré, ambos venerados em Heruer. Nas representações iconográficas surge uma cabeça de batráquio num corpo de mulher. Era uma divindade dadora de vida. Estava associada a Nehemetauai de Hermópolis e com os Oito deuses primordiais da cidade. Como Nehemetauai era uma forma de Hathor.

55. Este tema clássico da desordem e do faraó salvador, aqui transferido para Petosírís, tem «manifestações» literárias e iconográficas: nas inscrições 81 e 62 é ele que «*estica a*

Na conclusão da inscrição 81, Petosíris enumera, primeiro, as apreciáveis vantagens materiais que lhe valeu a sua piedade para com o deus Tot e, depois, solicita que a sua felicidade se prolongue durante uma vida longa, até à morte, e que, suprema recompensa, a sua descendência prospere depois dele:

O meu senhor Tot distinguiu-me acima de todos os meus semelhantes, como recompensa por eu o enriquecer, com todas as coisas boas, com prata e ouro, com colheitas e produtos em celeiros, com campos, com gado, com latadas de uvas, com pomares de todas as árvores de fruto, com embarcações na água, com todas as coisas boas dos armazéns. (Eu) fui favorecido pelo soberano (*hk3*) do Egipto<sup>56</sup>, eu fui amado pelos seus cortesãos. Possa isto também ser-me dado como recompensa: prolongamento de vida com alegria no coração, um bom funeral depois da velhice, o meu corpo sepultado neste túmulo, ao lado do meu pai e do meu irmão mais velho, abençoado pelo senhor de Khemenu, e também por todos os deuses de lunu<sup>57</sup>, a minha casa mantida pelos meus descendentes, com filho sucedendo a filho! Possa todo aquele que aqui vier mais tarde dizer: «Eis um servo do seu deus até ao dia da veneração!»<sup>58</sup>.

A inscrição 61 insiste na mesma tónica: «nenhum caminho é semelhante a este, ele torna durável o tempo de vida, multiplica os anos, enriquece o homem pobre»<sup>59</sup>. O objectivo não é viver para o prazer terrestre (não há hedonismo), mas sim viver em harmonia, em respeito, com o mundo onde reina ou devia reinar o equilíbrio, a *maet*<sup>60</sup>. A sabedoria reside não em se privar das «coisas boas», mas em desfrutá-las com equilíbrio e moderação. A vida vivida nos «caminhos do deus Tot» é uma vida de rectidão, piedade, sucesso e felicidade.

---

*corda, desenrola a linha, para estabelecer as fundações do templo*». O narrador-Petosíris aplica a si a fraseologia real, servindo-se inclusive do epíteto real «vida, saúde, força»; nos muros intercolunares da fachada do túmulo é também Petosíris que, qual faraó, honra os deuses (no caso, o deus Tot).

56. Nectanebo II ou Ptolomeu I – Na inscrição 69 (Sichu) designa-se o soberano como *nesu* (*nsw*), não *heka* (*hk3*) como faz Petosíris aqui na inscrição 81.

57. Nome egípcio de Heliópolis, a cidade do deus-Sol Ré, teologicamente «rival» de Hermópolis.

58. O termo «dia da veneração» serve simultaneamente para designar a idade avançada e como eufemismo para «dia da morte».

59. Cf. LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 104-105; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 36-37; LALOUETTE, C.: *op. cit.*, pp. 266, 341; VERNUS, P.: *op. cit.*, pp. 367-369.

60. Cf. THÉODORIDÈS, Aristide: «La condition humaine en Égypte d'après les inscriptions du tombeau de Pétosiris». *Acta Orientalia Belgica*, 6, 1991, p. 112.

Uma vida longa é o maior bem a que o homem egípcio pode aspirar. A morte é degradante, na medida em que é a negação da obra criadora de deus. No entanto, o morto não está privado do contacto com deus se fez em vida tudo o que estava ao seu alcance, andando nos seus (de deus) caminhos.

Voltam a ser enfatizadas as dimensões da memória (um nome para todo o sempre) e da eternidade (o alcançar de um estádio de favor eterno, por obra de Tot). Todos os Egípcios (individual ou colectivamente) estão directamente implicados e comprometidos com essas duas directrizes que põem em directo contacto todas as gerações, passadas, presentes e futuras, nos espaços do Aquém e do Além. A sabedoria de Petosíris é fruto dessa concepção e um estímulo directo à sua perpetuação. É nessa comunicação ou diálogo no tempo e no espaço entre as gerações que se joga, simultaneamente, a continuidade da moral, da memória e da sociedade.

#### CONCLUSÃO

A narração tumular de Petosíris, apelando explicitamente aos vivos de todas as épocas, institui-se em referente modelar para os que existem na terra (na dimensão *antemortem*), dando à memória um aspecto social, histórico, civilizacional. As suas palavras são conselhos de ordem prática transmitidos pela tradição, onde se justapõem ideias e práticas de vida.

A teoria filosófico-religiosa das inscrições de Petosíris denota um profundo humanismo: o homem pode aperfeiçoar-se continuamente, quer pela aplicação activa à sua vida de normas e regras morais e de piedade, conformes à *maet*, quer pela adopção dos conselhos dos sábios como o próprio Petosíris, neste caso um sábio justificado.

A exemplar e íntegra conduta moral e material de Petosíris é enunciada como condição *sine qua non* para os benefícios e privilégios alcançados quer na existência terrena quer, sobretudo, na existência *post-mortem* como surge de forma lapidar no final das inscrições 61 e 59:

Fiz tudo isso para obter em troca que a minha vida se prolongasse na felicidade e que atingisse a Terra Sagrada<sup>61</sup>, sem que o meu coração conhecesse a aflição. Possa a minha casa subsistir depois de o meu coração ter sido enterrado neste túmulo, ao lado de meu pai<sup>62</sup>.

61. Designação da necrópole.

62. Inscrição 61: LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 104-105; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 36, 37; LALOUETTE, C.: *op. cit.*, pp. 266, 341; VERNUS, P.: *op. cit.*, pp. 367-369.

Tudo o que fiz, foi de acordo com o livro sagrado. Fiz tudo para que o meu nome não deixe de existir no templo de Tot e para que eu possa ser objecto dos seus favores, eternamente<sup>63</sup>!

Também a inscrição 126 repete esta conclusão:

Eu sou, de facto, um bendito pelo senhor de Khemenu, que procurou sempre aquilo que era útil a todos, que falou o bem, que repetiu o bem, que dirigiu as suas acções para o bem. Fiz o que agrada aos homens, que bendiz os deuses, para que o meu nome fosse pronunciado depois da minha morte<sup>64</sup>.

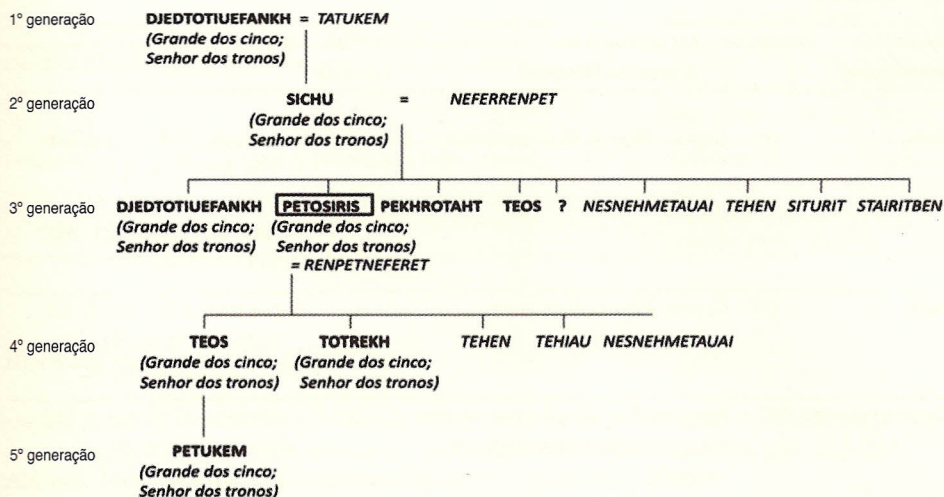
A elevada e desejada recompensa por graça divina («*chegar à cidade da eternidade*»)<sup>65</sup> interpela, todavia, interiormente, o defunto agraciado que se sente compelido a «partilhar» a sua experiência com os vivos existentes e vindouros, com a clara finalidade destes poderem, através do seu exemplo, teoricamente enviado do Além, serem guiados e permanecerem nos «caminhos da vida» e alcançar, em consequência, os mesmos bons resultados.

63. Inscrição 59: LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 79-80; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, p. 32.

64. Inscrição 126: LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*, pp. 192-193; LEFEBVRE, G.: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*, pp. 89-90.

65. A «Cidade da Eternidade» é sinónimo de necrópole, em sentido lato, ou de túmulo, em sentido mais estrito. A inscrição 116 (de Sichu) contém a fórmula-chave neste aspecto: «*Ceguei até à Cidade da Eternidade, porque fiz o Bem na terra e porque o meu coração está firme no caminho do deus, desde a minha infância até esse dia.*»

ANEXOS



1. *Árvore genealógica da família sacerdotal de Petosiris*

Árvore genealógica da família sacerdotal de Petosiris (os nomes dos homens estão grafados a negrito e os das mulheres em itálico). Em cada geração, os homens ostentaram os cargos sacerdotais de «Grande dos Cinco» e «Senhor dos tronos», embora se admita que nalguns casos se trata apenas de títulos honoríficos.

*2. O título «Grande dos cinco, senhor dos tronos» nas inscrições tumulares de Petosíris*

AUTOR OU BENEFICIÁRIO	INSCRIÇÃO	LOCALIZAÇÃO NO TÚMULO DE PETOSÍRIS	Nº DE COLUNAS	FORTE(S)
Sichu	116	Capela, Pilar A, face ocidental	6	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 158, 159; 1923, Vol. II, 83. –LICHTHEIM: 2006, 50, 51 –LALOUETTE: 1984, 261, 262, 340.
Sichu	127	Capela, Pilar C, face norte	6	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 161; 1923, Vol. II, 90, 91. –LICHTHEIM: 2006, 51, 52.
Djedtotiuefankh	57	Pronaos, Parede sul, Porta que dá acesso à capela, lado oeste da ombreira	3	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 117; 1923, Vol. II, 28, 29.
Djedtotiuefankh	115	Capela, Pilar A, face oriental	6	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 156, 157; 1923, Vol. II, 82. –LALOUETTE: 1984, 264, 265, 340, 341.
Djedtotiuefankh	70	Capela, nave de Djedtotiuefankh, Parede ocidental, registo superior.	10	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 172; 1923, Vol. II, 45.
Djedtotiuefankh	102	Capela, nave de Djedtotiuefankh, Parede sul, lado ocidental	6	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 184, 185; 1923, Vol. II, 74, 75.
Djedtotiuefankh	125	Capela, Pilar B, face oriental	6	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 191, 192; 1923, Vol. II, 88, 89.
Djedtotiuefankh	126	Capela, Pilar B, face ocidental	6	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 192, 193; 1923, Vol. II, 89, 90.
Djedtotiuefankh	137	Capela, Pilar D, face norte	6	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 193, 194; 1923, Vol. II, 95.
Djedtotiuefankh	138	Capela, Pilar D, face sul	6	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 194; 1923, Vol. II, 95, 96.
Petosíris	81	Capela, parede oriental, registo intermédio	92	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 136-145; 1923, Vol. II, 53-59. –LICHTHEIM: 2006, 45-49. –LALOUETTE: 1984, 263, 264, 340.

Totrekh	56	Pronaos/ Capela, parede sul, porta de acesso à nave de Sichu	11	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 114, 115; 1923, Vol. II, 27, 28. –LICHTHEIM: 2006, 52-54.
Djedhor (Teos)	61	Pronaos, parede sul, lado oriental, registo intermédio	41 <sup>66</sup>	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 101, 102; 1923, Vol. II, 35, 36. –LALOUETTE: 1984, 265, 341.
Petukem	61	Pronaos, parede sul, lado oriental, registo intermédio	41 <sup>67</sup>	–LEFEBVRE: 1924, Vol. I, 104, 105; 1923, Vol. II, 36, 37. –LALOUETTE: 1998, 266, 341. –VERNUS: 2001, 367-369.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Luís Manuel de: «O túmulo de Petosiris: expressão da confluência cultural greco-egípcia», *Presença de Victor Jabouille*. Lisboa, 2003, pp. 313-344.
- ASSMAN, Jan: *Religion and Cultural Memory*. California, 2006.
- BAINES, Jonh: «Society, morality and religious practice», *Religion in ancient Egypt: Gods, myths, and personal practice*. Ithaca, 1991, pp. 123-200.
- CAVAIGNAC, Eugène: «La date du tombeau de Pétosiris». *REA* 2, 1929, pp. 56-57.
- COUROYER, Bernard: «Le chemin de vie en Égypte et en Israël». *Revue Biblique* 56, 1949, pp. 412-432.
- DAVID, Rosalie e DAVID, Antony E.: *A biographical dictionary of Ancient Egypt*. London, 1992.
- ELVIRA BARBRA, Miguel Ángel: «La utopia fusionadora de Alejandro Y Ptolomeo I». *Arte y sociedad del Egipto antiguo*. Madrid, 2000, pp. 203-215.
- FESTUGIÈRE, André-Jean: «Notice sur la vie et les travaux de M. Gustave Lefebvre, membre de l'Académie». *Comptes-rendus des séances de l'Académie des inscriptions et belles-lettres*, volume 103, numéro 1, 1959, pp. 94-105.
- HAGEN, Fredrik, «Echoes of Ptahhotep in the Greco-Roman World», *ZÄS* 136, 2009, pp. 130-136.
- LAFFONT, Élisabeth: *Les livres de sagesses des pharaons*. Paris, 1979.
- LALOUETTE, Claire: *Textes sacrés et Textes Profanes de l'ancienne Égypte. vol. 1. Des pharaons et des hommes*. Paris, 1984.
- LICHTHEIM, Miriam: *Moral values in ancient Egypt*. Fribourg, 1997.
- LICHTHEIM, Miriam: *Ancient Egyptian Literature (AEL). Volume III. The Late Period*. Berkeley/Los Angeles/ London, 2006.
- LEFEBVRE, Gustave: «Le tombeau de Petosiris». *ASAE* 20, 1920. pp. 41-121.

66. As 41 colunas dividem-se por três emissários ou destinatários: uma relativa a Petosiris, outra a Teos e outra a Petukem.

67. O mesmo da nota anterior.

- LEFEBVRE, Gustave: «Textes du tombeau de Petosiris » in *ASAE* 20. 1920, pp. 207-237.
- LEFEBVRE, Gustave: Textes du tombeau de Petosiris. *ASAE* 22. 1922, pp. 33-48
- LEFEBVRE, Gustave: *Le tombeau de Petosiris, Volume II*. Caire, 1923. Também disponível online em <[http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos\\_page.pl?DPI=100&callnum=DT62.T6L5\\_vol2\\_cop1&object=0](http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos_page.pl?DPI=100&callnum=DT62.T6L5_vol2_cop1&object=0) ou [http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos\\_title.pl?callnum=DT62.T6L5\\_vol2\\_cop1](http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos_title.pl?callnum=DT62.T6L5_vol2_cop1)> (2º volume : Deuxième Partie: Les Textes).
- LEFEBVRE, Gustave: *Le tombeau de Petosiris, Volume III*. Caire, 1923. Também disponível online em <[http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos\\_title.pl?callnum=DT62.T6L5\\_vol3\\_cop1](http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos_title.pl?callnum=DT62.T6L5_vol3_cop1)> (3º volume: Troisième Partie: Vocabulaire et Planches)].
- LEFEBVRE, Gustave: *Le tombeau de Petosiris, Volume I*. Caire, 1924. Também disponível online em <[http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos\\_title.pl?callnum=DT62.T6L5\\_vol1\\_cop1](http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos_title.pl?callnum=DT62.T6L5_vol1_cop1)> (1º volume: Première Partie : Description);
- MÁLEK, Jaromír: *Egypt. 4000 years of art*. London, 2003.
- MENU, Bernadette: «Le tombeau de Pétoisiris. Nouvel examen». *BIFAO* 94, 1994, pp. 311-327.
- MENU, Bernadette: «Le tombeau de Pétoisiris (2). Maât, Thot et le droit». *BIFAO* 95, 1995, pp. 281-295.
- MENU, Bernadette: «Le tombeau de Pétoisiris (3). Culpabilité et responsabilité». *BIFAO* 96, 1996, pp. 343-357.
- MENU, Bernadette: «Le tombeau de Pétoisiris (4). Le souverain de l’Égypte». *BIFAO* 98, 1998, pp. 247-262.
- MENU, Bernadette: «La «voie de Dieu» dans les inscriptions du tombeau de Pétoisiris». *Transeuphratène* 16, 1998, pp. 21-30.
- NAKATEN, Suzanne: «Petosiris». *LÁ IV*, 1982, pp. 995-998.
- PEREMANS, W.; VAN’T DACK, E.; DE MEULENAERE, H.; IJSEWIJN, J.: *Prosopographia Ptolemaica III. Le clergé, le notariat, les tribunaux*. Louvain, 1956
- PICARD, Charles: «Les influences étrangères au tombeau de Petosiris: Grèce ou Perse?». *BIFAO* 30, 1931, pp. 201-227.
- SALES, José das Candeias: *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egipto antigo*. Lisboa, 1999.
- SALES, José das Candeias: *Estudos de Egiptologia. Temáticas e Problemáticas*. Lisboa, 2007.
- THÉODORIDÈS, Aristide: «La condition humaine en Égypte d’après les inscriptions du tombeau de Pétoisiris». *Acta Orientalia Belgica*, 6, 1991, pp. 83-116.
- VERNUS, Pascal: *Sagesses de l’Égypte pharaonique*. Paris, 2001.

## ÍNDICE

SUMARIO ANALÍTICO .....	5-8
EL NARRADOR COMO HOMBRE DE ACCIÓN: LA CONSTRUCCIÓN DE LA MEMORIA COLECTIVA EN EL MUNDO GRECORROMANO	
<i>Presentación</i> .....	13-14
José DAS CANDEIAS SALES: <i>Petosiris - Un activo constructor de la memoria egipcia del inicio del período ptolemaico</i> .....	17-38
José PASCUAL: <i>Epicuro y Atenas: la creación de una comunidad identitaria distinta de la Pólis</i> .....	39-63
Ana RODRÍGUEZ MAYORGAS: <i>La figura del historiador en la República Romana</i> .....	65-95
Manuel SALINAS DE FRÍAS: <i>Sobre la memoria histórica en Roma: los Escipiones y la traición de los celtíberos</i> .....	97-118
Santiago MARTÍNEZ CABALLERO: <i>La ciudad fundada por M. Marius, Termes y Colenda (App., Iber. 99-100). La guerra de 104-93 a.C. en territorios Arévacos, Vacceos y Vettones</i> .....	119-151
Enrique GOZALBES CRAVIOTO: <i>África en el imaginario: las exploraciones geográficas del rey Juba II de Mauretania</i> .....	153-181
José Javier VILARIÑO RODRÍGUEZ: <i>La Península Ibérica y los héroes griegos en la obra estraboniana</i> .....	183-196
María José HIDALGO DE LA VEGA: <i>El sofista Apuleyo de Madaura y la memoria: construcción de la imagen de su esposa Emilia Pudentila, una aristócrata africana</i> .....	197-221
Domingo PLÁCIDO SUÁREZ: <i>La construcción de la imagen del Imperio desde Grecia: la Historia romana de Dion Casio</i> .....	223-233
VARIA	
Pablo IJALBA PÉREZ: <i>¿Una «historia desde abajo» de la Antigüedad es posible? El análisis de la historiografía sobre la Roma Antigua</i> .....	237-249
Juan Luis POSADAS: <i>Las mujeres en la narración y la acción de César, los cesarianos y Salustio</i> .....	251-276
Diego SANTOS: <i>La importancia política del ejército renano durante el siglo IV</i> .....	277-291
Pablo FUENTES HINOJO: <i>Adventus praesulis: consenso social y rituales de poder en el mundo urbano de la antigüedad tardía</i> .....	293-339
RESEÑAS .....	343-357